

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALMADA

Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e  
Secundário



TESE DE MESTRADO

**Sensibilização dos alunos regulares face às Necessidades  
Educativas Especiais dos seus pares**

Orientador: Doutor Fernando Vieira

Márcia Filipa Diniz da Silva

Almada, junho de 2017



Campus Universitário de Almada

Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

## **Sensibilização dos alunos regulares face às Necessidades Educativas Especiais dos seus pares**

**Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e  
Secundário**

Tese apresentada ao Instituto Superior de Estudos Interculturais e  
Transdisciplinares de Almada para obtenção do grau de Mestre

Orientador: Doutor Fernando A. R. Vieira

Márcia Filipa Diniz da Silva

Almada, junho de 2017



COMPOSIÇÃO DO JÚRI:

---

(PRESIDENTE:)

---

(ORIENTADOR: Doutor Fernando A. R. Vieira)

---

(ARGUENTE:)

Ato Público de Defesa  
do Relatório Final: **(DATA)**

## AGRADECIMENTOS

## RESUMO

Ao longo dos anos tem vindo a crescer a necessidade de mudar a qualidade e igualdade no sistema educativo. Colocar alunos com Necessidade Educativas Especiais no Ensino Regular não chega para haver uma inclusão dos mesmos. São necessárias múltiplas inovações e mudanças para alcançar os objetivos escolares que se pretende. Assim como são realizados planos e estratégias para melhorar a performance escolar nos alunos, também deveriam ser utilizadas estratégias para fazer com que o aluno cresça como ser humano. É importante haver uma formação inicial e incentivar os alunos a criarem um percurso escolar completo. O Sistema Educativo tem de criar uma resposta educativa que seja apropriada à diversidade de alunos que coloca no seu sistema de ensino e que seja apropriada para uma sociedade que se auto intitula de “Inclusiva”. Neste contexto, a presente tese pretende demonstrar quais as principais dificuldades e dúvidas dos alunos regulares face aos alunos com Necessidades Educativas Especiais, pretendendo de alguma forma sensibilizá-los e criar estratégias de inclusão.

**Palavras chaves:** inclusão, sistema educativo, estratégias inclusivas, qualidade educativa, ensino regular, necessidades educativas especiais.

## ABSTRACT

For several years the necessity of changing has been growing and making efforts to improve the equality and equity of the educational system. It's not enough placing students with special needs in regular education without having their inclusion. Are required multiple innovations and changings to reach certain goals. As they make planes and strategies to improve a better performance at school they should also improve strategies to make the student grow as human being. It is important to have a initial formation and encourage the students to create a complete school route. The Education System have to create a educative response that is appropriate to the diversity of students wich were placed in the education system and that is appropriate to a society that self titled of "Inclusive". In this context, this thesis wants to show wich are the main difficulties and doubts of the students with special needs intendig in some way sensitize the studentes and create inlcusion strategies.

**Keywords:** inclusion, educative system, inclusive strategies, educative quality, regular teaching, disabilities.

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
ABREVIATURAS.....	12
CAPÍTULO I – Análise literária.....	13
1. DEFICIÊNCIA NO DESPORTO DO SÉCULO XXI .....	14
2. O PODER DO PROCESSO NORMATIVO EM PORTUGAL .....	14
CRP – Constituição da República Portuguesa .....	14
Lei de bases no sistema educativo .....	15
Inclusão dos alunos com deficiência .....	15
Revogação do Decreto-Lei n.º 319/91.....	16
3. CONTEXTO HISTÓRICO DA DEFICIÊNCIA NO DESPORTO .....	16
4. O LONGO CAMINHO QUE COMEÇOU NA EXCLUSÃO.....	18
5. A CHEGADA DA INTEGRAÇÃO COM FUTURO À INCLUSÃO .....	20
6. O PROCESSO CONTEMPORÂNEO DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR .....	21
7. EFEITOS NOS ALUNOS SEM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA .....	23
8. ATITUDES E INTENÇÕES DOS ALUNOS SEM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIAS .....	24
9. O COMPORTAMENTO DO ALUNO NO PROCESSO INCLUSIVO .....	24
CAPÍTULO II - MÉTODOS E PROCEDIMENTOS .....	26
1. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	26
2. ETAPAS.....	27
3. QUESTIONÁRIO GERAL.....	27
3.1 DIMENSÕES DO QUESTIONÁRIO .....	29
4. QUESTIONÁRIO/VÍDEO.....	31
5. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA UTILIZADA NO ESTUDO.....	31
Capítulo III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	33
1. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO .....	33
1.1 COLEGA COM NEE'S.....	33
1.2 FACILIDADE DE LIGAÇÃO.....	33
1.3 INFORMAÇÃO RECEBIDA .....	34
1.4 GOSTARIAS DE TER RECEBIDO ESSE INFORMAÇÃO?.....	34
1.5 PRINCIPAIS DIFICULDADES SENTIDAS.....	34

1.6 DEFICIÊNCIA AUDITIVA.....	35
1.7 Deficiência Motora .....	37
2. RESULTADOS DA ANÁLISE E OBSERVAÇÃO DO QUESTIONÁRIO “ANTES E DEPOIS” .....	38
Capítulo v - cONCLUSÃO.....	41
Capítulo Vi – Referências Bibliográficas .....	42

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Definição das dimensões .....	21
Quadro 2 – Definição das categorias da Dimensão Colega com NEE's .....	22
Quadro 3 – Definição das categorias da Dimensão principais dificuldades sentidas.....	22
Quadro 4 – Definição das categorias da Dimensão deficiência auditiva .....	23
Quadro 5 – Definição das categorias da Dimensão deficiência motora .....	23
Quadro 6 – Grupo de alunos que responderam ao questionário.....	24
Quadro 7 – Resultados do questionário “Antes e Depois” .....	30

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Espectros de oportunidades desportivas.....	14
Figura 2 – Plano de Estudos.....	19
Figura 3 – Percentagem da idade dos inquiridos .....	24
Figura 4 – Percentagem do género dos inquiridos .....	24
Figura 5 – Principais dificuldades sentidas .....	28
Figura 6 – Respostas dadas no questionário acerca da dimensão deficiência auditiva .....	29
Figura 7 – Respostas dadas no questionário acerca da dimensão deficiência motora .....	32

## INTRODUÇÃO

O presente estudo está inserido no âmbito da unidade curricular de Estágio e Relatório Final, sendo uma disciplina de carácter anual. Esta análise foi intitulada de “A percepção de alunos do ensino básico/regular em relação a alunos com NEE’s”. Todos os alunos têm direito à educação, neste sentido os projetos de integração tornam-se uma via de acesso imparcial para os estudantes. Deste modo é importante conhecer a convivência que os alunos ditos “regulares” têm com os alunos com NEE’s.

Para que os alunos possam evoluir como seres humanos é importante desenvolverem atitudes de convivência, respeitarem o próximo e valorizarem a diversidade. “O verdadeiro sentido de inclusão não se afetiva apenas pela partilha de espaços comuns” (Rosa, 2010).

Deste modo, achamos pertinente conhecer a visão dos alunos que se relacionam diariamente com alunos com NEE’s, já que são estes que convivem no quotidiano e tornam-se uma peça importante para que haja sucesso na inclusão do aluno.

A nossa investigação encontra-se dividida em cinco capítulos, no início de cada capítulo encontra-se uma pequena introdução referente ao capítulo que vamos abordar, e no final uma pequena reflexão acerca do mesmo.

No primeiro capítulo encontra-se algumas legislações importantes referentes ao processo de inclusão do aluno.

O segundo capítulo é referente à análise de literatura que fala acerca do processo de inclusão no geral.

O terceiro capítulo que fala sobre a inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais na aula de Educação Física.

No quarto capítulo tentamos apresentar de uma forma sucinta a justificação de todas as etapas de trabalho realizadas e os objetivos que nos vão guiar pelo processo de desenvolvimento do nosso estudo. É determinado como um estudo misto, pois utilizamos várias técnicas de recolha de dados.

No quinto capítulo são apresentados os resultados obtidos e as respetivas análises. Em primeiro lugar damos a conhecer os resultados dos questionários, em

segundo lugar os resultados da primeira entrevista e por último os resultados da segunda entrevista.

No sexto e último capítulo, damos a conhecer as conclusões relacionadas com os objetivos inicialmente planeados, e comentamos também limitações da investigação com objetivo de apontar futuras linhas de estudo que possam dar continuidade a futuras investigações.

<b>NEE's</b>	Necessidades Educativas Especiais
<b>ER</b>	Ensino Regular
<b>CD</b>	Condição de Deficiência
<b>EFG</b>	Educação Física em Geral
<b>PQ</b>	Pós-Questionário
<b>EOD</b>	Espectro de Oportunidade Desportiva

## **1. DEFICIÊNCIA NO DESPORTO DO SÉCULO XXI**

O propósito de certas iniciativas desportivas não serve só para elucidar os alunos e comunidade acerca da existência de desporto para pessoas com deficiências. Atualmente tem vindo a existir um trabalho pioneiro para homogeneizar o desporto, com a ideia que é para todos independentemente da sua religião, raça ou género.

De acordo com Wolff e Fay (2009), estas iniciativas não só promovem a inclusão, igualdade, respeito como a oportunidade de pessoas que possuem deficiências praticarem desporto incluídos na sociedade. Desta forma estas pessoas podem tornar-se membros integrantes da sociedade desportiva. Uma destas iniciativas faz parte do “Center for the study of sport in society” e serve para facilitar a organização individual e em grupo para a promoção de inclusão das pessoas com deficiência.

## **2. O PODER DO PROCESSO NORMATIVO EM PORTUGAL**

O incentivo ao avanço tecnológico torna a educação especial em uma área que oferece aos alunos a devida atenção de acordo com as suas necessidades educativas, dando prioridade aos que apresentam alguma deficiência assim como a necessidade de renovação de objetivos escolares, apresenta tendências no sentido de aprovar a manutenção das novas propostas. Esta educação é apoiada pelos critérios de diversidade e possibilidade, ao invés de chamarmos deficiência, e o seu papel é muito importante para a inclusão educativa, para a formação dos indivíduos e para um aumento da qualidade de vida das pessoas com NEE's.

A missão da educação é permitir o acesso e permanência no sistema de ensino de crianças e jovens com NEE's. É permitido desta forma, que as crianças desenvolvam as suas capacidades ao máximo e se integrem por completo na sociedade.

Quanto à legislação existente que garante que há uma preocupação com pessoas com deficiência, para o presente estudo vamos considerar as seguintes constituições:

Neste sentido, a determinação clara de objetivos oferece uma interessante oportunidade para que a Constituição da República Portuguesa proteja as crianças de forma a garantir o seu desenvolvimento contra discriminação e opressão (artº 69º da CRP). Refere que todos têm direito à educação promovida pelo Estado, proporcionando condições de “igualdade de oportunidade” (n.º 1 e 2 do artº 73º da CRP), evidenciando a alínea g) do artº 74º da CRP:

“Promover e apoiar o acesso dos cidadãos portadores de deficiência ao ensino e apoiar o ensino especial, quando necessário”.

### **Lei de bases no sistema educativo**

O artº 4º da Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, informa que o sistema educativo Português engloba a educação pré-escolar (compreende o seu aspeto formativo em conjunto com a ação educativa familiar), a educação escolar (ensino básico, secundário e superior) e a educação extraescolar (atividades de alfabetização e aperfeiçoamento).

O artº8º informa que “o ensino básico compreende três ciclos sequenciais, sendo o 1º de quatro anos, o 2º de dois anos e o 3º de três anos”.

### **Inclusão dos alunos com deficiência**

Publicado a 23 de Agosto de 1991, o Decreto-Lei n.º 319/91, regula a integração de alunos com deficiência nas escolas regulares.

A evolução dos conceitos relacionados com a educação especial, carece de atualização e alargamento, evidenciando-se alguns conceitos: Divisão em diferentes categorias dos alunos com NEE's; Crescente responsabilização da escola regular para com os alunos com deficiência e dificuldade de aprendizagem; “Escolas para todos”, numa perspetiva de integração dos alunos com NEE's; Reconhecimento do papel dos pais na orientação educativa; Ponderação de medidas de acordo com o princípio de que a educação dos alunos com NEE's deve processar-se no meio mais restrito possível, por conseguinte, a perceção das dificuldades prepara-nos para enfrentar situações anómalas tendo sempre um interesse comum: Atingir os objetivos educacionais definidos.

As referidas adaptações, podemos traduzi-las em preparações não só dos alunos com NEE's mas dos alunos regulares como principal objetivo a adequação na

organização de turmas (o número de alunos por turma não pode exceder os 20 alunos, as turmas não devem incluir mais de 2 alunos com NEE's).

### **Revogação do Decreto-Lei n.º 319/91**

O Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, revoga o Decreto-Lei n.º 319/91, de 23 de Agosto que, apesar de apelar à promoção da inclusão e igualdade de oportunidades, define apoios especializados a prestar na educação para crianças e jovens com necessidades educativas especiais.

Promover a igualdade de oportunidades, valorizar a educação e promover a melhoria da qualidade do ensino, são desígnios do XVII Governo Constitucional, sendo um dos aspetos determinantes a promoção de uma escola inclusiva orientada para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens.

**De acordo com estes decretos existem muitas Leis que apoiam a inclusão e a promoção à igualdade mas não temos nenhuma lei que permita determinar a mudança nos alunos regulares e prepará-los para receber os seus colegas com NEE's.**

### **3. CONTEXTO HISTÓRICO DA DEFICIÊNCIA NO DESPORTO**

Para nos contextualizarmos no tempo, e abordar o futuro do desporto inclusivo no séc. XXI, não podemos descartar a história do desporto inclusivo do século passado.

O termo incapacidade no desporto é um termo recentemente utilizado por De Pauw e Gravon (2005), no livro *Disability and Sport*, cujo o seu teor é unicamente criado para pessoas com incapacidades dependendo do uso específico de tecnologia (cadeiras de rodas) ou apenas instrumentos modificados como vendas (goalball e beep baseball);

Como são classificadas as deficiências ou que tipo de incapacidade deve ter o participante para praticar desporto.

No séc. XX haviam grupos organizados para pessoas com incapacidades que quisessem praticar desporto. Por exemplo, federações nacionais e internacionais criaram grupos de acordo com as incapacidades sensoriais (surdez, incapacidade visual etc.), incapacidade motoras (paraplegia, tetraplegia, amputações etc.).

As pessoas vivem em sociedades que consistem em redes complexas de relações de identidade (raça, etnia, gênero, deficiência, orientação sexual, idade e religião) que são socialmente construídas através de condições históricas específicas. As ideologias dominantes não são facilmente reversíveis e as práticas culturais não são transformáveis mesmo com a imposição de novas leis e políticas governamentais.

Em suma, existe um modelo de Esty (1995) que serve de código para determinar uma hierarquia de fatores que têm de ser reestruturados. Esta figura serve para demonstrar onde reside uma pessoa ou grupo dentro de uma dinâmica organizacional baseada numa cultura.

Figura 1 – Espectros de oportunidade desportiva



Todavia, este modelo estrutural aqui preconizado pode nos levar a considerar a reestruturação das regras de conduta normativas. As hipóteses seguintes estão relacionadas com atletas com deficiências que têm a oportunidade de competir:

1. O espectro de oportunidade desportiva (EOD) para indivíduos com deficiência a partir de uma determinada sociedade, será perceptível pela maioria dos indivíduos como mais limitada que o EOD para atletas aptos, na mesma sociedade;

2. O EOD a partir de uma determinada sociedade, vai ser preparado para ser significativamente diferente para atletas com deficiência e atletas identificados como aptos;

3. Os sistemas de segurança desportiva usam sistemas de classificação e padrões de desempenho intencionais, como estratégias e como meio para controlar a participação, a partir de um certo ambiente, criando diferentes espectros de oportunidade desportiva para atletas aptos versus atletas com deficiências;

Por conseguinte, a consolidação das estruturas garante a contribuição de um grupo importante na determinação das regras de conduta normativas. As diferentes corporativas necessitam de trabalhar em conjunto para a inclusão de indivíduos com deficiências a partir das margens da sociedade até às comunidades desportivas. Têm de surgir mais pesquisas de forma a facilitar e suportar a inclusão total de pessoas com deficiência no desporto.

#### **4. O LONGO CAMINHO QUE COMEÇOU NA EXCLUSÃO**

Nunca é demais lembrar o peso que foi percorrer o caminho que foi, até chegar a algo que hoje se denomina por inclusão. Mas até chegar a este ponto, foi necessário percorrer um grande caminho histórico. “A História mostra-nos que o Homem não tem sido muito aceitador da diferença ao longo dos tempos, especialmente quando se trata da “diferença” de outros seres humanos (Fonseca, 1989; Batista, 1999; Rodrigues, 1995; Bautista, 1997, citado por Viegas, 2014).

Ao longo dos tempos tem-se vindo a encontrar evidências que relatam a exclusão de pessoas portadoras de deficiência. Bautista (1997, citado por Carneiro, 2012) diz que em Esparta, estas crianças eram abandonadas e lançadas aos rios. De acordo com Carneiro (2012), com a finalidade de a exclusão ser justificada devido às

causas naturais que aconteciam às pessoas, a igreja católica, considerou que estas pessoas estavam possuídas pelo demónio. Ao longo da história os grupos humanos, colocaram “rótulos” nas denominadas pessoas diferentes bem como que nas não se ajustavam na sociedade, separando-as, excluindo-as e privando-as dos direitos inerentes à condição humana. “Nos séculos XVII e XVIII os deficientes mentais eram internados em orfanatos, manicómios, prisões e outros tipos de instituições estatais. Criou-se um mundo artificial para o deficiente, longe da família e da sua comunidade natural. Ali ficavam junto de delinquentes, velhos, pobres... indiscriminadamente”. (Bautista, 1997, p.22).

A partir do séc. XIX, permitiu-se a realização de experiências de aprendizagem com pessoas com deficiência mental. A partir da Filosofia de J.Locke e de J-J. Rousseau Correia (1997, citado em Carneiro, 2012), as pessoas começaram a encarar os indivíduos portadores de deficiência de forma diferente, ainda que recorrendo muitas vezes às práticas místicas. No entanto ainda coexistiam duas ideias diferentes, de que a sociedade devia defender-se das pessoas diferentes ou as pessoas diferentes deviam proteger-se da sociedade que os podia agredir.

Assim no início do Séc. XIX, foi concebida a Educação Especial. À medida que se foi desenvolvendo o dito campo do conhecimento, surgia a necessidade de formar pessoal especializado por áreas. Esta situação afetou os alunos portadores de deficiência, que necessitavam de aulas especiais e leis próprias, Bautista (1997) afirma que nos finais do séc. XVIII e princípios do séc. XIX, inicia-se o período da institucionalização especializada de pessoas com deficiência, e é a partir de então que podemos considerar ter surgido a Educação Especial.

Houve um grande salto no tempo e um repensamento de novos valores sociais e religiosos. Como diz Warnock (1978), Bautista (1997) e Santos (2007, citado por Rosa, 2010), a partir do séc. XIX começou a haver uma preocupação relativamente às crianças e jovens com deficiência, colocando-as em escolas especiais, podendo assim ser-lhes dada a devida assistência, mas não ainda do ponto de vista educacional. Desta forma organizaram um sistema paralelo de educação, onde surgiram os centros de Educação Especial destinados aos alunos que não podiam seguir uma educação como os alunos ditos regulares.

Deste modo, Niza (1996, citado por Viegas, 2014), recorrendo aos métodos disponíveis de quantificação de inteligência, era possível avaliar as crianças que não

conseguiam acompanhar os programas de ensino e rotulá-las, estas crianças eram então os alunos a quem se destinava a educação especial institucionalizada.

Na Educação Especial, de acordo com Bautista (1997, citado por Viegas, 2014) à medida que se foi desenvolvendo o conhecimento, surgiu a necessidade de formar equipas de pessoal especializado por áreas. Esta situação afetou em especial os alunos chamados “deficientes”, porque necessitavam de escolas especiais, turmas especiais, cuidados especiais etc. Bautista (1997) afirma que haviam duas perspetivas antagónicas: por um lado “a ideia de que era preciso proteger a pessoa normal da não normal” e por outro lado a ideia de que “era preciso proteger a pessoa não normal da pessoa normal”. Em ambos os casos a única solução seria afastar as pessoas normais das não normais, discriminando.

Na escola exclusiva que é mencionada por Rodrigues (2006), denominada de escola tradicional, a deficiência era um ponto de exclusão. Passou-se para uma escola integrativa que deu lugar a pessoas consideradas diferentes. Desta forma os alunos possuiriam uma posição no interior da escola, no entanto, a forte influência da escola tradicional mantinha-se. A escola integrativa, de forma impercetível continuava a excluir certos alunos.

## **5. A CHEGADA DA INTEGRAÇÃO COM FUTURO À INCLUSÃO**

Como resposta a uma postura discriminatória face ao sistema educativo especial, deu-se um movimento de normalização que deu lugar a um conjunto de mudanças até à chegada da educação, provocando desta maneira uma integração escolar. Warnock Report (1978, citado em Rosa, 2010) parte do princípio da normalização e refere-se à integração como sendo mais que educar crianças deficientes e não deficientes em conjunto. Declara que as crianças com deficiência têm direito a uma vida familiar, escolar e social devendo ser consideradas membros da comunidade como todas as outras.

A integração escolar deveu-se não só aos pais das crianças com Necessidades Educativas Especiais, como também se deveu ao reconhecimento dos direitos das pessoas em situação desvantajosa. Niza (1996) e Correia (1997, citado por Viegas, 2014) o aparecimento deste modelo educacional deveu-se ao envolvimento das famílias

e nomeadamente das associações de pais, estas, reclamaram contra os procedimentos escolares que isolavam os seus filhos.

Este processo pretendia unificar a educação, com fim de oferecer a todas as crianças serviços de educação com base nas suas necessidades de aprendizagem. Este movimento de “ruptura social e epistemológica” designa-se “movimento de normalização” (Niza, 1996).

## **6. O PROCESSO CONTEMPORÂNEO DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

A Educação Física é uma das áreas que mais favorece a formação do aluno, é uma clara consolidação de estruturas que garantem que o trabalho realizado seja maioritariamente feito com atividades coletivas o que permite aos alunos resolverem problemas e trabalharem em conjunto. Existem muitas crianças com NEE's que são excluídas desta disciplina por não terem “capacidade” para a realização da mesma. Assim mesmo, o aumento do diálogo entre os diferentes alunos permite que a inclusão na disciplina de Educação Física seja essencial e necessária para o crescimento de todos os alunos, permitindo que entrem em contato com todo o tipo de educandos.

Os professores, não devem preocupar-se apenas com os alunos com NEE's mas sim com todos os alunos existente dentro da sala de aula, devem focar o trabalho num todo, para que seja possível trabalhar com a diversidade tentando alcançar como objetivo o bem estar de todos os alunos. A maioria dos professores de EF desejam ser o mais profissional possível (Maia, 2009), tentando ao máximo eliminar barreiras e tendo um contato natural com o meio. Quando houver uma verdadeira preparação de todos, vai ser possível haver uma verdadeira inclusão e acima de tudo uma verdadeira aprendizagem e crescimento pessoal.

A E.F. é uma disciplina essencial para a formação integral de todos os seres humanos e o cuidado em identificar pontos críticos no entendimento das metas propostas é o grande papel do professor para além de orientar o processo educativo, que faz com que seja alcançado o desenvolvimento de todas as potencialidades nos alunos, compreendendo que sem aulas de E.F. estes alunos não poderão conseguir a formação pretendida. De acordo com Espada, Vieira e Lima (2009) a Educação Física

no contexto de disciplina curricular tem de conseguir acolher todos os alunos, possibilitando a sua prática. “O termo currículo está diretamente ligado à visão daquilo que é o sistema educativo, à sua forma de funcionar, particularmente no que respeita à sua autonomia” (Vieira, 2007).

O facto que suporta que a Educação precisa de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE's) nas aulas, já não é considerado moda. Quando era considerado “moda”, ou seja, era uma medida muito recente, existiram vários projetos e estudos onde a preocupação principal era a inclusão de alunos com condição de deficiência. Neste momento as escolas realmente fazem uma integração do aluno, mas como, quando e onde foram preparados os alunos sem condição de deficiência para receber esses alunos ditos “especiais”?

Os alunos com NEE's são colocados nas escolas regulares, onde passam a maior parte do seu dia, em turmas onde seja expectado que os restantes colegas os saibam incluir sem prévia preparação.

A partir de 85 artigos identificados através de vários métodos de pesquisa, só 38 preencheram o critério desejado “inclusão”. Esses 38 artigos demonstram que foram estudados nos últimos dez anos vários aspetos da inclusão na Educação Física em Geral. Através dos artigos foram identificadas 6 áreas de foco principal, são elas:

1. Suporte;
2. Efeitos nos alunos sem condição de deficiência;
3. Atitudes e interações dos alunos sem deficiência;
4. Interação Social;
5. Tempo de aprendizagem da Educação Física em Geral de crianças com condição de deficiência;
6. Treino e atitudes dos professores na Educação Física.

Sendo que o nosso estudo se centra nos alunos do Ensino Regular (ER) sem condição de deficiência vamos focar-nos apenas nos pontos 2 e 3 no entanto, achamos importante referir que o suporte (1º área de foco) tem de ser dada não só aos alunos com condição de deficiência mas mais importante ainda aos alunos regulares que vão ter de lidar com os colegas com NEE's todos os dias, esta assistência de acordo com (Block, 2007) tem de provir de qualquer pessoa que preste assistência a alunos. Se esta assistência for devidamente providenciada, haverá certamente um impacto positivo,

tanto para a inclusão de alunos com NEE's como para a preparação de alunos regulares cujo o objetivo é prevenir efeitos negativos nestes, por parte dos seus pares.

## **7. EFEITOS NOS ALUNOS SEM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA**

Um dos argumentos que está contra a inclusão é o facto de haver um receio que os alunos com CD prejudiquem os alunos sem CD. Block e Obrusnikova (2007) suportam a ideia de que houve resultados de estudos que examinaram os efeitos da inclusão nos alunos sem CD e o resultado foi que não existe suporte para suportar este receio.

No estudo de Vogler et al (1998) foi realizado um estudo sobre o comportamento de professores e alunos em 14 turmas diferentes nas aulas de EFG. Existiram nesse estudo 14 participantes que teriam um desenvolvimento tardio e 14 participantes do 7º e 8ºano sem CD. Os autores concluíram que os alunos com CD que participam geralmente nas aulas de EFG em conjunto com os alunos sem CD, perante esta inclusão, não houve um efeito negativo na aprendizagem dos alunos sem CD.

Noutro estudo, Obrusnikova et al (2003) foi estudado o impacto de incluir um aluno de 10 anos de idade, do género masculino com uma deficiência física (necessita de ajuda para utilizar a sua cadeira de rodas manual) numa turma com alunos sem CD. Os autores utilizaram um grupo de controlo para pré-teste a fim de comparar o conhecimento e habilidades motoras entre alunos do 4ºano de escolaridade como turma inclusiva (21 alunos, um deles com distrofia muscular) e uma turma do 5ºano de escolaridade como turma “não inclusiva” (18 alunos nenhum deles têm qualquer CD). Passado duas semanas de lecionação da modalidade desportiva coletiva Vólei (8 aulas, 30min. cada), o conhecimento dos alunos foi medido através de um teste sobre vólei que consistia em 10 questões. Mais cedo nesse ano, os estudantes receberam apoio educativo de um especialista em Desporto Adaptado. No entanto, durante o estudo, apenas os pares não treinados ajudaram o aluno. De acordo com Block e Zeman (1955), ambas as turmas melhoraram o seu conhecimento e as suas habilidades motoras após a unidade de ensino de Vólei, mas não houve diferenças significativas entre as turmas. Para além disso Block's CAIPE-R (1995) revelou que a turma inclusiva teve atitudes mais favoráveis perante a inclusão do aluno com CD que a turma “Não inclusiva”. Estaremos perante a evolução de alunos com atitudes “frias” e egocêntricas ou falta de informação e sensibilidade?

## **8. ATITUDES E INTENÇÕES DOS ALUNOS SEM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIAS**

Falamos agora de um dos temas que continua a ser investigado na educação inclusiva, as atitudes e intenções de alunos sem CD. Existem vários estudos acerca deste assunto, “The Theory of Planned Behavior”, Ajzen (1991,2001) é uma extensão do estudo “Theory of Reasoned Action”, Fishbein & Ajzen (1975), mas este é o estudo mais recente quando falamos acerca de atitudes e intenções em contextos inclusivos. O TPB (Theory of Planned Behavior), sugere que as intenções dos alunos para incluir pares com CD são influenciadas através de expectativas sociais, atitudes dos estudantes e percepção de controlo. Colegas de turma que têm uma atitude favorável face à inclusão de um aluno com CD, entende que alunos, professores ou pares, esperam que este inclua um aluno com CD, e expressa um forte sentimento de controlo sobre o processo de inclusão, é mais provável que tenham fortes intenções de incluir um aluno com CD na aula de Educação Física.

## **9. O COMPORTAMENTO DO ALUNO NO PROCESSO INCLUSIVO**

O aluno tem de aprender a aceitar e a procurar o termo igualdade, devendo também orientá-los e acompanha-los, mediante as suas capacidades e dificuldades. É necessário aumentar o interesse dos alunos para trabalhar e ajudar os seus colegas “especiais”.

Para haver uma total inclusão, não basta colocar o aluno na aula, não é o suficiente. É necessário que exista uma colaboração entre o professor e o aluno, porque uma má integração do aluno pode fazer com que este se sinta frustrado num ambiente onde não consegue desenvolver-se. De acordo com um artigo publicado no Jornal Destak (2015), ondem em letras garrafais se diz que a “Integração torna País um exemplo” e como subtítulo “Ao todo 97% dos alunos com necessidades educativas especiais estão integrados na educação regular”. Como foi referido acima, voltamos a repetir, não basta integrar os alunos na educação regular, não é suficiente. Mais uma vez foi também pronunciada a palavra integração, em vez da palavra inclusão.

De acordo com Maia (2009) e Rodrigues (2003) foi remetido para várias instituições um questionário que tinha como objetivo identificar quem era o responsável pela formação em Necessidades Educativas Especiais, conclui:

- A maioria dos cursos existentes em Portugal não dá formação no âmbito das NEE's;

- A formação inicial que é fornecida é de carácter geral e raramente relacionada com aspetos relacionados com a inclusão na EF.

## CAPÍTULO II - MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Este capítulo tem o objetivo de caracterizar a amostra que foi estudada, descrever os instrumentos de pesquisa utilizados e indicar as condutas utilizadas para a recolha de dados. “Não há métodos melhores do que outros: tudo depende dos objetivos, do modelo de análise, e das características do campo de análise. Só conhecemos corretamente um método de investigação depois de o termos experimentados por nós próprios” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.84).

### 1. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

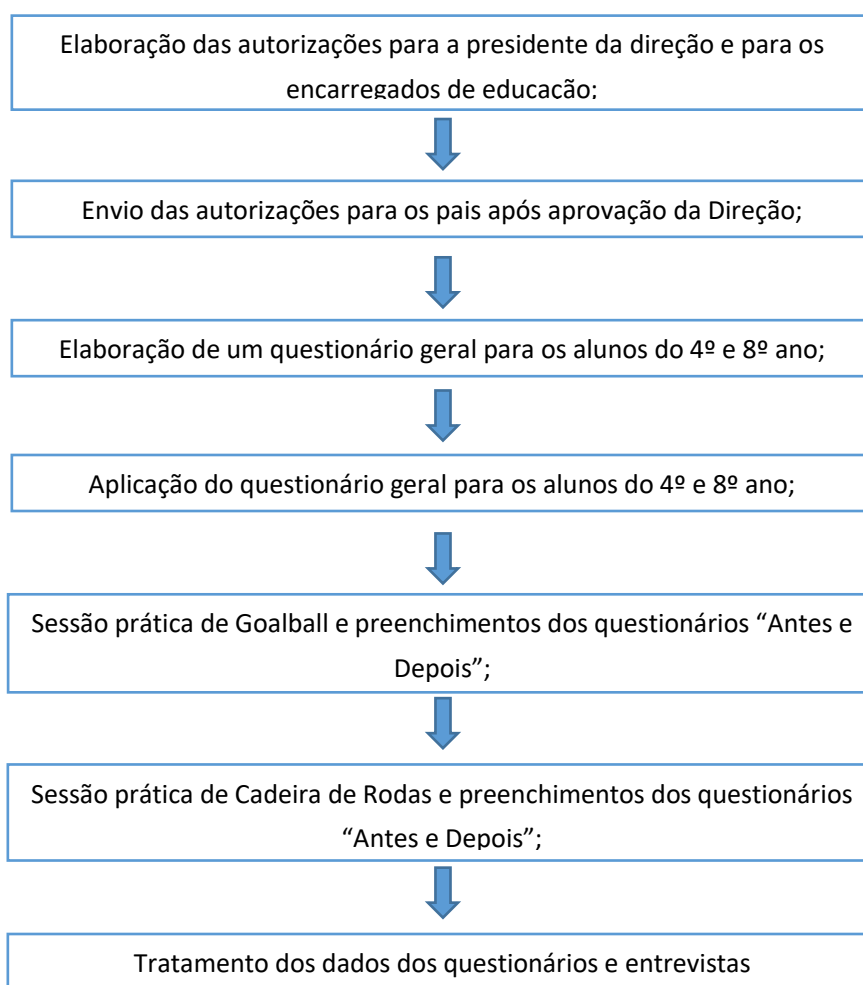
De acordo com Eminovic (2009), dado o facto que as atitudes sociais representam um dos fatores mais importantes que influenciam o envolvimento de indivíduos com deficiência nas atividades desportivas. É fundamental ressaltar que a perceção das dificuldades oferece uma interessante oportunidade para verificação do fluxo de informações, desta forma quisemos colocar os alunos na pele de indivíduos com deficiência para que desta forma haja um aumento de sensibilidade entre os diferentes setores que cumprem um papel essencial na formulação dos relacionamentos entre alunos. A nossa pergunta de partida centra-se então no seguinte problema:

***De que forma podemos preparar e sensibilizar os alunos do Ensino Regular para que haja uma verdadeira inclusão dos seu colegas com Necessidades Educativas Especiais?***

## 2. ETAPAS

Este trabalho desenvolveu-se a partir do plano de estudos apresentado na figura seguinte:

*Figura 2. Plano de Estudos.*



Nota: Adaptado de Rosa (2010).

## 3. QUESTIONÁRIO GERAL

Um dos métodos utilizados na recolha de informação foi a aplicação de um questionário geral acerca de conhecimentos básicos sobre as deficiências auditiva e motora e o que pensam os alunos acerca das mesmas. Seleccionámos esta forma de

inquirição, justo os questionários serem uma fonte extremamente proveitosa de recolha de informação, que passa pela simplicidade com que se inquirem um elevado número de alunos num curto espaço de tempo. A linguagem utilizada no questionário foi curta e simples de forma a que pudesse ser de fácil e rápida leitura e resposta.

O questionário foi validado pelos professores da ISEIT – Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada: Prof. Amália Rebolo Marques, Marina Ferreira, Fernando Vieira, Sylvie Pereira e Paulo Vieira. Após uma autorização da Direção da escola e dos encarregados de educação os questionários foram efetuados, a primeira parte do questionário destina-se à recolha de informação acerca do aluno inquirido e os restantes itens do questionário foram agrupados em 4 dimensões:

- 1ª Dimensão – Colega com NEE's;
- 2ª Dimensão – Principais Dificuldades;
- 3ª Dimensão – Deficiência Auditiva;
- 4ª Dimensão – Deficiência Motora

Este questionário foi organizado de forma a dar-nos informação sobre o conhecimento que o aluno tem acerca do seu colega com CD, se teve alguma informação de como lidar com o colega e se gostava de ter tido essa informação e quais as principais dificuldades que sente. Na segunda parte do questionário pretendemos saber se o aluno tem realmente algum conhecimento acerca da deficiência auditiva e motora e qual a sua opinião acerca das mesmas.

### 3.1 DIMENSÕES DO QUESTIONÁRIO

Neste ponto vamos abordar e pormenorizar todas as dimensões e questões utilizadas no questionário:

**Quadro 1 - Definição das dimensões**

<b>Questões</b>	<b>Dimensão</b>	<b>Definição do objetivo da Dimensão</b>
2 à 2.3	Colega com NEE's	Diz respeito à informação que o aluno tem e gostaria de adquirir a respeito do colega com NEE's;
2.4;	Principais Dificuldades	Fala sobre as principais dificuldades que o aluno sente ao relacionar-se com os seus colegas;
3 à 3.5;	Deficiência auditiva	Esta Dimensão tem como objetivo, saber se o aluno possui algum tipo de conhecimento sobre a surdez e qual a sua opinião;
4 à 4.4	Deficiência Motora	Esta Dimensão tem como objetivo, saber se o aluno possui algum tipo de conhecimento sobre a incapacidade motora e qual a sua opinião;

Nos quadros 2, 3, 4 e 5 vamos definir cada uma das categorias criadas a partir das Dimensões:

**Quadro 2 - Definição das categorias da Dimensão Colega com NEE's**

**Relação** Nesta categoria os alunos identificam os alunos que são “diferentes” ou sofrem de algum tipo de doença;

**Facilidade de ligação** O processo inclusivo está relacionado com forma como os alunos recebem os alunos com NEE's e se estes por sua vez são bem recebidos e se sentem bem inseridos na turma onde foram colocados;

**Informação adquirida** De que forma é que os alunos ajudam os colegas com NEE's;

**Informação Futura** De que forma é que os alunos acham que os professores ajudam os colegas com NEE's.

### Quadro 3 - Definição das categorias da Dimensão Principais Dificuldades

**Brincar** Com este ponto pretendemos saber se os alunos sentem dificuldade em lidar com as brincadeiras dos colegas.

**Destabilização de aula** Se os alunos conseguem estar atentos sem que o colega com NEE's destabilize a aula.

**Como incluir** O que fazer para incluir o colega com NEE's.

**Ajudar corretamente** Como ajudar os alunos e o que fazer para os conseguirem incluir na vida escolar.

**Interação** Como interagir com o colega a nível psíquico e motor.

**Ultrapassar dificuldades** Saber como devem reagir e o que fazer para ajudar os colegas a ultrapassar as dificuldades.

### Quadro 4 – Definição das categorias da Dimensão deficiência auditiva

**Deficiente auditivo** Se conhecem alguém que sofra de uma deficiência auditiva, para que possamos perceber se os alunos costumam lidar com este tipo de deficiência.

**Realização de tarefas** Pretendemos saber se os alunos têm conhecimento acerca das tarefas que os deficientes audiovisuais podem ou não realizar.

**Aparelho auditivo** Nesta pergunta tentamos sensibilizar o aluno quanto ao uso de um aparelho auditivo e se gostaria de usar caso possuísse alguma deficiência auditiva.

**Presença de aparelho auditivo** Para ir mais a fundo na sensibilização do aluno perguntamos se o aluno usaria o aparelho apenas se ninguém o pudesse ver.

**Prática de Desporto** Pretendemos saber se os alunos têm conhecimento acerca da prática desportiva para deficientes audiovisuais.

**Comunicação com colega** Entender o nível de sensibilização que os alunos sentem ao perguntarmos se eles comunicariam com alguém surdo.

#### **Quadro 5 - Definição das categorias da Dimensão Deficiência Motora**

**Deficiente motor** Se conhecem alguém que sofra de uma deficiência motora, para que possamos perceber se os alunos costumam lidar com este tipo de deficiência

**Realização de tarefas motoras** Pretendemos saber se os alunos têm conhecimento acerca das tarefas que os deficientes motores podem ou não realizar.

**Entre ajuda** Pretendemos com esta pergunta sensibilizar mais uma vez um aluno de modo a colocar-se na pele de um deficiente motor e saber se queria ser ajudado caso possuísse essa deficiência.

**Prática de Desporto** Pretendemos saber se os alunos têm conhecimento acerca da prática desportiva para deficiente motores.

**Relação com colega** Entender o nível de sensibilização que os alunos sentem ao perguntarmos se eles comunicariam com alguém paraplégico.

#### **4. QUESTIONÁRIO/VÍDEO**

Utilizando um questionário denominado de “antes e o depois”, realizamos atividades que os alunos pudessem dar a sua opinião relativamente à atividade que iam praticar (questionário do antes) e após realizarem essa atividade dizer de que forma se sentiram (questionário do depois), com isto queremos verificar se existem diferenças nas respostas dadas.

Devido à quantidade de questionários que eram mal realizados decidimos colocar a componente de vídeo e verificar se o que os alunos respondiam ia de encontro ao que era respondido nos questionários. Denominamos a quantidade de vezes que os alunos tocam nos obstáculos de “erros” de forma a pudermos justificar a dificuldade que o aluno teve ao realizar o percurso.

#### **5. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA UTILIZADA NO ESTUDO**

Os alunos participantes neste estudo são 104, que pertencem às turmas de 4<sup>o</sup> e 8<sup>o</sup> ano de escolaridade da Escola Básica da Charneca da Caparica.

Foram selecionadas as turmas do investigador principal deste estudo na Unidade Curricular, Estágio. Estas turmas foram selecionadas devido às seguintes características:

1. O investigador principal é professor estagiário das turmas;
2. Estão incluídos nas turmas, alunos com NEE's;
3. Tratam-se de alunos cooperantes e com disciplina;

Os alunos participantes formam 2 grupos de estudo:

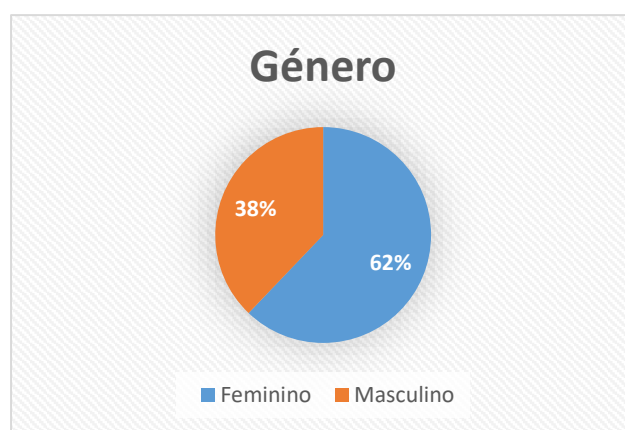
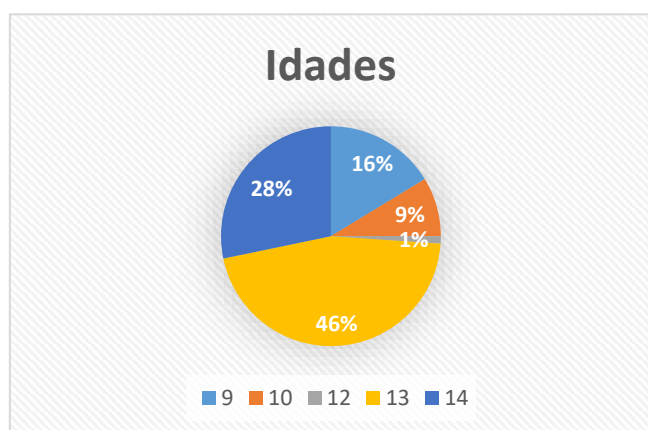
#### Quadro 6

*Grupo de alunos que responderam ao questionário*

Grupo	Total de alunos	Género feminino	Género masculino	Média de idades
1 (4ºano)	24	13	11	9
2 (8º ano)	77	49	28	13

Nas figuras 3 e 4 vamos apresentar a percentagem de idades e género correspondentes aos grupos de alunos:

*Figura 3 e 4. Percentagem da idade dos inquiridos; Percentagem do género dos inquiridos.*



No geral as idades variam entre os 9 e os 16 anos sendo que a idade com mais percentagem é a de 13 anos. Na figura X podemos verificar que a maioria dos alunos participantes são do género feminino (62%) sendo que 38% são do género masculino.

## CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como resposta aos objetivos planejados inicialmente para este estudo, são apresentados neste capítulo os resultados derivados dos dados recolhidos através dos instrumentos escolhidos. Como foi mencionado no capítulo anterior, os participantes do estudo formam 2 grupos de estudo, Grupo 1 do 4ºano, Grupo 2 do 8ºano. Seguindo a ordem das perguntas presentes no questionário, vamos abordar cada um dos pontos apresentando os resultados dos questionários aplicados aos grupos de alunos.

### 1. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

#### 1.1 COLEGA COM NEE'S

Foi perguntado aos alunos se conheciam alguém que tivesse Necessidades Educativas Especiais, pelo que 90% da amostra respondeu que sim. Esta pergunta permite-nos então afirmar que a amostra que está a ser tratada foi escolhida corretamente para o tema em questão. Quase todos os alunos estão cientes do tema que vai ser abordado.

	Frequência	Percentagem
<i>Sim</i>	90	86,5
<i>Não</i>	11	10,6
<i>Não Sei</i>	3	2,9

#### 1.2 FACILIDADE DE LIGAÇÃO

Nesta questão começamos a abordar a parte sentimental do aluno em relação às pessoas com NEE's perguntando se eles tinham facilidade de ligação, o número de respostas positivas baixou como era de esperar mesmo que mais de 50% da amostra tenha afirmado que tem facilidade de ligação com os mesmos o que não vai de encontro com os resultados obtidos de acordo com o estudo de Diniz e Vieira (2015).

	Frequência	Percentagem
<i>Sim</i>	54	51,9
<i>Não</i>	32	30,8
<i>Não Sei</i>	18	17,3

### 1.3 INFORMAÇÃO RECEBIDA

Desta forma podemos verificar se os alunos ao longo de 8 anos no Ensino Básico obtiveram ou se recordam de ter tido alguma informação acerca de como lidar com colegas que têm NEE's. Mesmo que tenham tido algum tipo de informação, se não se recordam dela é porque não foi passada como deveria ter sido. Apenas 34% dos alunos se lembram de ter tido algum tipo de informação. São valores preocupantes para turmas que têm pelo menos um aluno com NEE's.

	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<i>Sim</i>	34	32,7
<i>Não</i>	56	53,8
<i>Não Sei</i>	14	13,5

### 1.4 GOSTARIAS DE TER RECEBIDO ESSE INFORMAÇÃO?

Com esta pergunta entendemos que os alunos se sentem sensibilizados com certas situações que acontecem diariamente e por essa razão gostariam de saber como lidar com elas, 71% da amostra gostaria de ter recebido informação ou gostaria de receber mais informação do que a que recebeu.

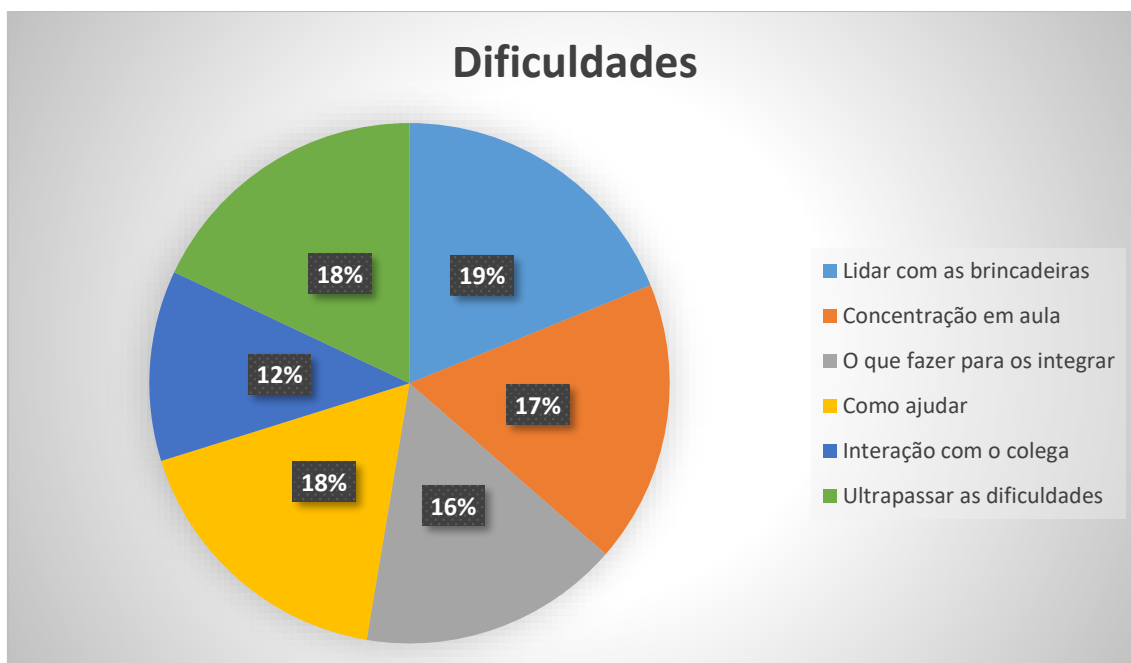
	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<i>Sim</i>	71	68,3
<i>Não</i>	13	12,5
<i>Não Sei</i>	18	17,3

### 1.5 PRINCIPAIS DIFICULDADES SENTIDAS

Neste gráfico vamos apresentar quais foram as principais dificuldades que os alunos sentem ao lidarem com os seus colegas com NEE's, as opções que poderiam escolher são:

- Saber lidar com as brincadeiras;
- Estar concentrado na aula porque o colega destabiliza a aula;
- Saber o que fazer para os integrar;
- Como ajudá-los e saber o que não podem fazer;
- Interagir com o colega;
- Saber o que fazer para ajudá-los a ultrapassar dificuldades;

Figura 5 – Principais dificuldades sentidas

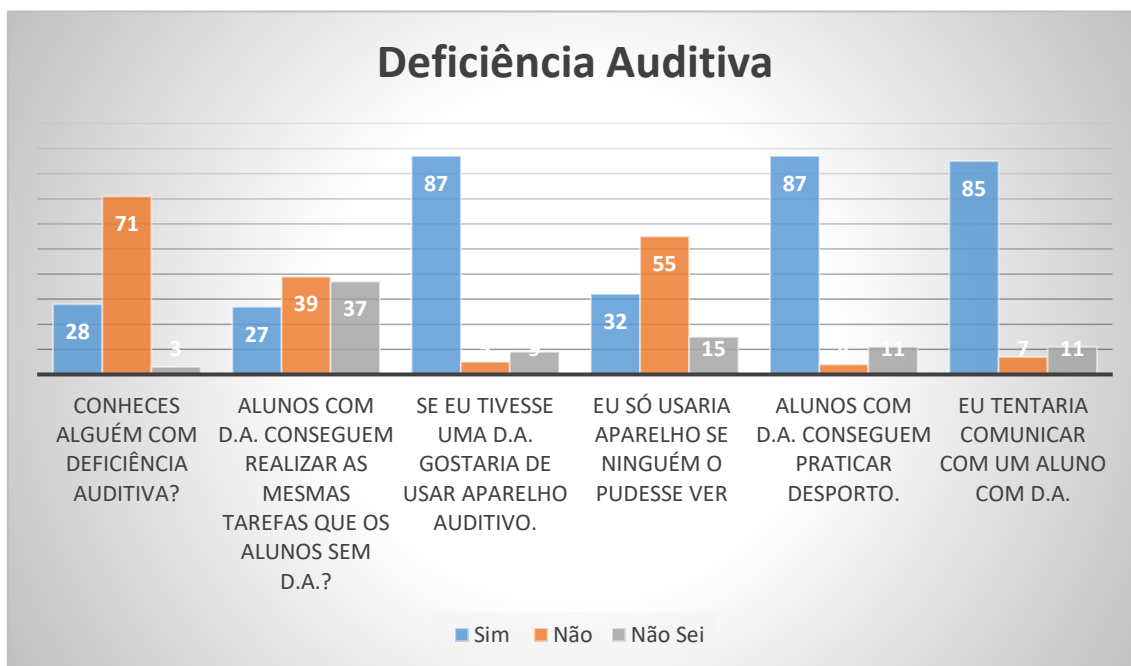


De acordo com as respostas dadas pelos alunos conseguimos identificar que não existe uma hipótese que foi mais escolhida que as outras, os alunos não conseguiram identificar mais umas dificuldades que outras, tendo na maioria dos casos escolhido todas as possibilidades de resposta.

## 1.6 DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Criamos um grupo de questões acerca da Deficiência Auditiva, este grupo é constituído por 6 questões acerca da D.A. e tem o intuito também de sensibilizar o aluno. Como podemos verificar no quadro abaixo na primeira pergunta temos um número considerável de alunos que não tem nem nunca teve nenhum contacto com alguém que possuísse uma D.A.

Figura 6 – Respostas dadas no questionário acerca da dimensão deficiência Auditiva



Na segunda pergunta conseguimos já identificar que existe uma grande falha na passagem de informação acerca desta deficiência, sendo que existem alunos com algumas respostas indecisas (Não sei).

A terceira pergunta foi uma passagem para a sensibilização do aluno, quisemos que o aluno se comesçasse a colocar na pele de uma pessoa com D.A. e perguntamos se usariam um aparelho auditivo se necessitassem, como era de esperar obtivemos uma maior percentagem na resposta “Sim”.

Na quarta pergunta, em seguimento da terceira, perguntamos se usarias um aparelho se ninguém o pudesse ver. Esta pergunta serviria então para que os alunos pensassem e refletissem sobre a aparência e o que os outros pensariam acerca de nós.

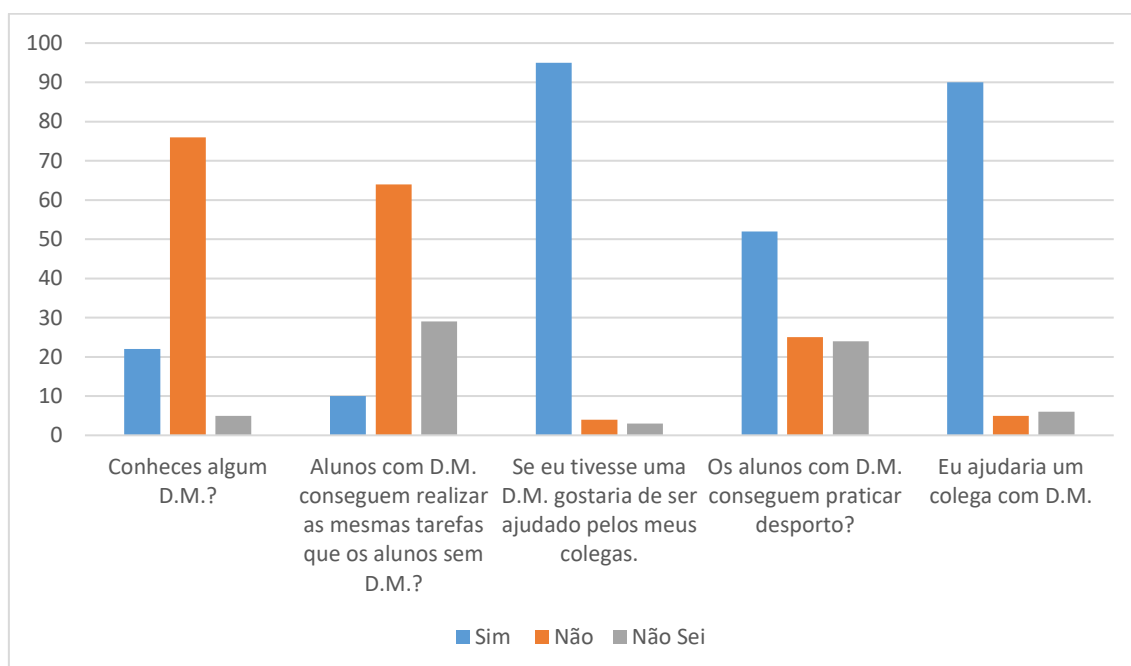
Na quinta pergunta os alunos estão cientes que as pessoas que sofrem de surdez conseguem praticar desporto.

Por último temos uma grande quantidade de respostas positivas para a tentativa de comunicação com uma pessoa com D.A. com esta pergunta podemos verificar se houve algum impacto na tentativa de sensibilização dos alunos e a resposta foi positiva.

## 1.7 Deficiência Motora

Criamos um grupo de questões acerca da Deficiência Motora, este grupo é constituído por 6 questões acerca da D.M. e tem o intuito também de sensibilizar o aluno. Como podemos verificar no quadro abaixo na primeira pergunta temos um número considerável de alunos que não tem nem nunca teve nenhum contacto com alguém que possuísse uma D.A.

Figura 7 - Respostas dadas no questionário acerca da dimensão deficiência motora



## 2. RESULTADOS DA ANÁLISE E OBSERVAÇÃO DO QUESTIONÁRIO “ANTES E DEPOIS”

Após a captação de imagem dos alunos a realizarem a prova da cadeira de rodas e Goalball. Pretendemos saber se o que é visualizado no vídeo corresponde ao que os alunos colocaram no questionário e obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 7 – Resultados do questionário “Antes e Depois”

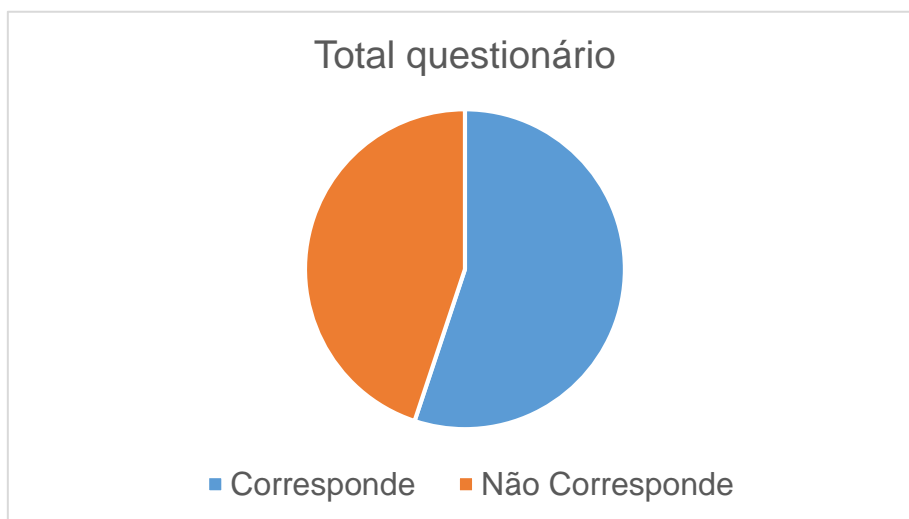
Nº QUESTIONÁRIO	Nº ERROS	CORRESPONDE	NÃO CORRESPONDE
A	2		X
B	4		X
C	2		X
D	1		X
E	1	X	
F	3		X
G	4	X	
H	2	X	
I	1		X
J	2	X	
K	2		X
L	2		X
M	3	X	
N	2	X	
O	3		X
P	2		X
Q	2	X	
R	1		X
S	4	X	

T	2		X
U	2		X
V	3		X
W	0	X	
X	1		X
Y	2		X
Z	2	X	
A1	2	X	
B1	3	X	
C1	2	X	
D1	3	X	
E1	1		X
F1	1		X
G1	2	X	
H1	1	X	
I1	2	X	
J1	2	X	
K1	2	X	
L1	3		X
M1	4		X
N1	2		X
O1	4	X	
P1	2	X	
Q1	1	X	
R1	3		X
S1	2	X	
T1	3	X	
U1	2	X	
V1	1	X	
W1	2	X	

No gráfico infra podemos verificar que quase metade da amostra de questionários não corresponde ao visualizado nos vídeos. Todos os alunos demonstraram dificuldades em realizar o percurso até ao fim. Principalmente na parte

em que teriam de passar da Cadeira de Rodas para a Cadeira Normal. Apenas um aluno conseguiu arranjar uma estratégia lógica para conseguir fazer essa transição. Se não tivéssemos a possibilidade de ter visualizado os vídeos, quase metade da informação iria estar corrompida e não iria corresponder ao que foi realizado.

Figura 8 – *Correspondência de questionário através de visualização de imagem*



## CAPÍTULO V - CONCLUSÃO

O nosso estudo teve como principal objetivo tentar sensibilizar os alunos através da prática de algumas provas com Cadeira de Rodas e Goalball e tentar compreender de que forma os alunos são verdadeiros nas respostas que dão.

Após a recolha de dados, constatamos que ainda existem alunos com muitas falhas de informação no que refere à deficiência visual e motora confirmando que ainda existe uma lacuna no sistema de ensino no que refere à preparação dos alunos regulares para receberem os seus colegas com Necessidades Educativa Especiais.

Através do nosso relacionamento com os alunos percebemos que ficaram sensibilizados com as ações que estavam a realizar devido aos comentários que fomos ouvindo durante o estudo, inclusive tivemos um aluno que se recusou a participar no estudo porque ao colocar-se na situação de um deficiente motor se sentiu mal.

Acreditamos que a mudança está à frente dos nossos olhos e que é possível realizar pequenas mudanças que mais tarde nos trarão frutos. Apesar de não possuímos estudos para realizar uma comparação de resultados obtidos, deixamos uma sugestão de atividades que podem ser realizadas e até mesmo incluídas no programa nacional de Educação Física.

Dentro da prática desportiva e aproveitando para fazer transferes de algumas matérias que têm de ser lecionadas em Educação Física sugerimos:

- Goalball;
- Vôlei sentado;
- Futebol 7;
- Desportos de combate (judo);

## CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Block, M.E. (1995). Development and validation of the children's attitudes toward integrated physical education-revised (CAIPE-R) inventory. *Adapted Physical Activity Quarterly*,

Block, M.E., & Zeman, R. (1996). Including students with disabilities in regular physical education: Effects on nondisabled children. *Adapted Physical Activity Quarterly*,

Katharine Esty et al., *Workplace Diversity: A manager's Guide to solving problems and turning diversity into a competitive advantage* (1995).

Center for the study of sport in Society, *Disability in Sport*, <http://www.sportinsociety.org/vpd/dis.php>;

Block, M.E. (2007). *A teachers' guide to including students with disabilities in general physical education* (3rd ed.). Baltimore: Paul H. Brookes.

Espada, Mário e Vieira, Fernando (2009). A inclusão na E.F. escolar: Uma (Ir)realidade curricular nas escolas do distrito de Setúbal. *Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, 4760-4774.

Rosa, Fernanda. *Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais no 2º Ciclo do Ensino Básico: A Perspetiva dos seus Pares* [dissertação]. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa; 2010;

Viera, Luiz e Sousa, Diego. *Inclusão na Educação Física escolar. Revisão de conceitos, caracterização de deficiências, benefícios do exercício físico e esportes adaptados* [Internet]. Buenos Aires: Revista Digital; data de publicação do site [2011; citado em

2015]. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd155/beneficios-do-exercicio-fisico-e-esportes-adaptados.htm>.

Diniz, Márcia e Vieira, Fernando. A percepção de alunos do Ensino Básico/Regular em relação a alunos com Necessidades Educativas Especiais [dissertação]. Almada: ISEIT;2015;